

DOCUMENTÁRIO

CORRESPONDÊNCIA DE JOSÉ BONIFÁCIO (1810-1820)

AS CARTAS DO CONDE DE LINHARES A JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA.

Para o estabelecimento da definitiva biografia de José Bonifácio de Andrada e Silva conviria que fôsse mais utilizada a correspondência que durante vários anos, de 1802 a 1811, manteve com D. Rodrigo Domingos Antônio de Sousa Coutinho, 1.º Conde de Linhares, um dos mais notáveis auxiliares do Príncipe-Regente D. João, neto de brasileira e afilhado do Marquês de Pombal, Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar de 1796 a 1801, Presidente do Real Erário dêsse último ano ao de 1803, a seguir apenas Conselheiro de Estado.

Dessas cartas, juntamente com vários bilhetes sem assinatura guardadas na Secção de Manuscritos da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, poucas foram as incompletamente aproveitadas por Otávio Tarquínio de Sousa, no livro dedicado ao Patriarca da Independência (1).

Aqui reproduziremos, anotadas, com modificações apenas de pontuação, ortografia e desdobramento de abreviaturas, duas de maior importância, escritas quando o Andrada permanecia em Portugal, como Intendente Geral das Minas e Metais do Reino, e D. Rodrigo ativamente exercia, agora na Côrte do Rio de Janeiro, o cargo de Ministro da Guerra e Estrangeiros.

*

O BRASIL DE 1810 EM CARTA DO CONDE DE LINHARES.

“Sr. Desembargador Joseph Bonifácio de Andrade (sic) e Silva.

“Meu Amigo e Sr. de minha particular veneração — Se aos Homens de gênio e de letras se pode pedir conta das injustiças que cometem, não é assim aos Heróis, e como eu o considero já alistado nesta segunda Classe,

(1). — José Bonifácio (Rio de Janeiro, 1945).

por isso não me atrevo nem a queixar-me da injustiça com que me trata, e que me é tanto mais sensível quanto fui dos primeiros que senti os movimentos do maior prazer e de vivo entusiasmo, quando recebi as primeiras notícias da sua excelente e admirável conduta desde que a Restauração do Reino permitiu o desenvolvimento do Patriotismo e da fidelidade ao melhor dos Príncipes (2). Nem um só instante me esqueci, nem da sua amizade, nem do seu grande merecimento, e eternamente me deve reparação, por ter feito um tão mau conceito de um Homem que se preza sobretudo ser Homem de bem e fiel aos seus Amigos.

“Sobre o seu Brasil pode estar descansado; são grandes os seus destinos e o melhor dos Príncipes tem feito a seu respeito tudo o que era possível fazer em tão pouco tempo. Liberdade do Comércio, a mais ampla e de baixo dos princípios os mais liberais. Direitos das Alfândegas muito moderados, sendo os maiores 24% e uma terça parte remetida a favor da Navegação e Prosperidade Nacional. Nenhum privilégio exclusivo. Declaração que não haverá Inquisição no Brasil, feita no Tratado com a Grã-Bretanha. Permissão do estabelecimento de tôdas as Manufaturas. Introdução de tôdas as culturas preciosas e que o Brasil ainda não possuía (3). Abertura de tôdas as comunicações do interior do Brasil, tanto por água, qual o de Goiás, pelo Tocatis (sic), como a do Rio Doce (4) e muitas outras comunicações para o Maranhão, para Mato Grosso, etc., sem esquecer os estabelecimentos de Guarapuava, na sua Capitania (5), onde se tem entrado em força, para segurar o Paraná e as cabeceiras do Uruguai, e organizando outras novas terras para Criação de Gados, unir a um tempo a fácil comunicação do que se conquistou no País de Missões (6) com as Capitânicas de São Paulo e de Rio Grande. Remeto-me ao discurso que o nosso Lisboa fêz sobre os benefícios que Sua Alteza Real tem feito ao Brasil (7), e

-
- (2). — Aludia Linhares ao procedimento de José Bonifácio em 1809 e 1810, como Major e Tenente-Coronel do Corpo Militar Acadêmico, que em Portugal combateu os invasores franceses do General Soult.
 - (3). — Trata-se da aclimação, no Brasil, de plantas exóticas vindas da Ilha de França (hoje Maurícia), no Oceano Índico, como de Caiena e da China.
 - (4). — Merecidamente guarda a memória do título nobiliárquico de D. Rodrigo a cidade espírito-santense de Linhares, à margem do rio Doce.
 - (5). — Os campos de Guarapuava, dependentes da Comarca de Curitiba, como esta ainda pertenciam à Capitania de São Paulo.
 - (6). — Em 1801 tropas luso-brasileiras haviam definitivamente conquistado os Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, a oeste do atual Rio Grande do Sul.
 - (7). — Trata-se das Observações sobre a Prosperidade do Estado pelos Liberais Princípios da Nova Legislação do Brasil, opúsculo em 1810 publicado por José da Silva Lisboa, depois 1.º Barão e único Visconde de Cairú.

não quero importuná-lo, nem me sobeja tempo para me ocupar de matéria tão agradável. O que S. A. R. tem também ordenado a favor de Portugal não há de deixar de o elevar a um maior grau de felicidade do que antes possuiu e a emancipação do Brasil há de ser-lhe muito útil (8), não obstante tudo o que inquieta os visionários que seguem os princípios do Sistema Mercantil, e que talvez é a causa de se não terem executado as Reais Ordens, que tanto bem teriam feito ao Reino (9). Apesar do desejo que tive sempre de o ver aqui, o que espero se verificará brevemente, visto a licença que eu aqui também solicitei, nunca deixei de lembrar-me da falta que fará ao Real Serviço no Reino, e por isso é que me não viu tão ativo neste ponto (10).

“Não posso saber como deixou de receber uma ou duas cartas que certamente lhe dirigi e nas quais lhe exprimira os mesmos sentimentos que sempre professei a seu respeito, nem pude escrever mais por falta de tempo, pois quando vir o que eu tenho escrito neste período, no momento em que a minha saúde é tão precária que só mereceria sossêgo e descanso, e então talvez me renda justa e me desculpe, conhecendo quanto com mais justos títulos deveria já estar onde se acha o nosso Anadia (11) que morreu como viveu, teimoso e cabeçudo. Também não concorreu pouco para atormentar-me, mas é certo que o meu amor à Monarquia e ao Nosso Grande e Benéfico Soberano não poucos trabalhos me tem dado.

“Aqui recebi os seus Alemães (12) e creio que não podem queixar-se de mim. Espero que sejam muito úteis ao Real Serviço (13). Vernoghen (sic) (14) já está em Sorocaba com seu Irmão (15). O Barão (16) com Feld-

-
- (8). — Tem a maior importância, como prenúncio da Independência do Brasil, a referência de Linhares à sua “emancipação”. Aliás, no Manifesto justificativo de declaração de guerra ao Imperador dos Franceses, de 1.º de maio de 1808, um dos primeiros avulsos saídos da Imprensa Régia, no Rio de Janeiro, já havia a afirmação de “que a Côrte de Portugal levantará a Sua voz do seio do novo Império, que vai criar”.
 - (9). — Curiosa a acusação de Linhares aos mercantilistas, de responsáveis pelo descumprimento de ordens reais relativas a Portugal.
 - (10). — José Bonifácio havia inutilmente tentado, em 1809, regressar ao Brasil.
 - (11). — João Rodrigues de Sá e Melo, Visconde e Conde de Anadia, Ministro da Marinha e Ultramar, falecido a 30 de dezembro de 1809.
 - (12). — Guilherme Luís de Eschwege e Guilherme Cristiano Gotthelf Feldner, com mais três artifícios.
 - (13). — Como realmente aconteceu.
 - (14). — Como esta carta foi escrita por copista, embora assinada por Linhares, que também lhe fez acréscimo do próprio punho, in fine, aparece aqui erroneamente grafado o nome do alemão Frederico Luís Guilherme de Varnhagen, que seria pai do historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, Barão e Visconde de Pôrto Seguro.
 - (15). — Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Inspetor das Minas de São Paulo.
 - (16). — De Eschwege.

ner (17) vão estabelecer Fábricas de Ferro na Ilha Grande e no Sabará (18), e o primeiro talvez trabalhar a Mina de Chumbo da Babilônia, ou fazer viagens de reconhecimento pelo interior do Brasil (19). Espero que S. A. R. há de ter em todo o sentido grandes resultados e creio que a Posteridade há de reconhecer que os primeiros Traços Políticos que já estão dados deixam grande esperança, não só dos maiores resultados, mas provam que S. A. R. obrou conseqüentemente ao Século em que principiou o seu trabalho. Estou velho e há de admirar-se de ver que ainda espero ir acabar os meus dias na Lagoalva e em Arroios (20), contudo, tal é a firmeza dos meus sentimentos que nem nisso me vê mudar.

“Não seja injusto a respeito de Velhos Amigos, e persuada-se que com todo o coração,

“Sr. Desembargador Joseph Bonifacio de Andrade e Silva

“Seu bom Amigo e fiel Venerador

(a) “Conde de Linhares.

“Rio, 26 de abril de 1810.

“P. S. — As suas Minas hão de dar grandes passos, e agora vamos com as de ferro, que prometem muito. Temo que lhe façam aí falta os Alemães que nos mandou, mas console-se que daqui podem voltar, ou êles ou os seus Discípulos. A Fábrica de Pólvora criada por Napion vai divinamente (21). Creio que neste mês trabalhará em cheio, com pouca maior despesa do que 100 mil cruzados (22). S. A. R. vai estabelecer no mesmo local a Fábrica de Cascos de Espingarda, que nos poderá dar 30 mil cascos por ano, e a da Fundição das Peças (23). Creio que se não tem dormido. As Minas de Sorocaba, onde foi Varnhagen, espero que brevemente trabalhem, e dizem-me que são muito ricas e que darão excelente ferro” (24).

-
- (17). — Por ordem de Linhares foi examinar as jazidas carboníferas da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul.
- (18). — Aliás em Congonhas do Campo, Minas Gerais, onde estabeleceu Eschwege a Fábrica Patriótica, primeira a fundir ferro no Brasil.
- (19). — Como realmente aconteceu.
- (20). — Da Quinta de Lagoalva e de Arroios datavam as cartas de Portugal escritas por Linhares a José Bonifácio.
- (21). — Real Fábrica de Pólvora, em 1808 criada junto à Lagoa Rodrigo de Freitas, de que foi diretor o Inspetor Geral da Artilharia, o italiano Carlos Antônio Napion.
- (22). — Equivalentes a 40:000\$000, Cr\$ 40.000 de hoje.
- (23). — De artilharia
- (24). — A última frase, referente à Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, foi acrescentada pela mão do Conde de Linhares. Guarda-se esta carta na citada Secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, indicação do Catálogo: II — 30, 12, 6, n.º 11.

ÚLTIMA CARTA DO CONDE DE LINHARES A JOSÉ BONIFÁCIO.

Em páginas anteriores aqui transcrevemos e anotamos interessante carta do Conde de Linhares, Ministro da Guerra e Estrangeiros do Príncipe-Regente D. João, do Rio de Janeiro escrita a 26 de abril de 1810, ao seu amigo José Bonifácio de Andrada e Silva, então Intendente-Geral das Minas e Metais do Reino de Portugal.

A seguir transcreveremos mais uma, a última que aquêlê estadista dirigiu ao ilustre brasileiro, cujo bicentenário de nascimento há pouco se comemorou.

E' o seguinte o respectivo texto:

“Sr. José Bonifacio de Andrade (sic).

“Meu Amigo da minha particular veneração: — Recebi as duas linhas que m'escreveu, e nelas pôsto que vi a injustiça com que me tratava por lhe ter tardado a minha resposta que, se não m'engano lhe dirigi, e que já terá recebido, contudo vi também motivos de lhe agradecer o bom serviço feito a Sua Alteza Real com a nova descoberta de Minas de Prata, de que lhe peço me mande mais extensa relação, unindo-lhe a sua justa petição, para ter parte nas rusavas (?) como descobridor (25); o que veio fazendo me diz que êsse objeto pode ser para Portugal do maior interêsse, sendo só notável que em tantos anos deixássemos jazer na escuridão objetos de tão grande utilidade e que podem decidir da maior grandeza e prosperidade dêsse país.

“Aqui acabamos agora de receber uma Casa da Moeda pela Bomba a fogo (26) mandada executar pelo Bolton; e que poderá ser para êste País de primeira atividade, se a ignorância não opuser a êste tão útil Estabelecimento os seus costumados obstáculos (27). Creio que não só em Sorocaba, mas em Minas Gerais e Sêrro Frio teremos grandes Estabelecimentos de Minas de ferro, que nos dariam todø o ferro de que necessitamos e para exportar para a Ásia (28). Muito mais poderia di-

(25). — Alvissaras?

(26). — Máquina a vapor.

(27). — O Conde de Linhares, como seu irmão o Conde de Funchal e José Bonifácio, não poupavam críticas aos ignorantes que então, como sempre, prejudicavam o progresso luso-brasileiro.

(28). — Aludia às Fábricas de Ferro Patriótica, que o Barão de Eschwege dirigiu em Congonhas do Campo, e do Morro do Pilar, devida ao Intendente das Minas e Diamantes, Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá, ex-companheiro de José Bonifácio em viagens de estudos na Europa. Ambas em Minas Gerais.

zer, mas falta-me o tempo. Dá-me notícias de sua saúde e da de sua esposa e da de sua digna família, que muito estimo. Nada posso dizer-lhe senão de seu irmão Martinho, que está em Sorocaba (29), mas do Sr. Antônio Carlos, que está aqui e que me dizem ter agora novos trabalhos, mas como me foge, nada sei dizer (30). Estou muito velho, cansado, e cada vez avaliando menos a triste Espécie humana (31), à exceção daquêles que, como o Sr. José Bonifácio, merecem tudo.

“Sou, de todo o coração, Sr. José Bonifácio de Andrade,

“Maior Criado Obrigado e fiel Venerador

“Conde de Linhares

“Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1811” (32).

*

* * *

CARTA DE JOSÉ BONIFÁCIO AO PROVÁVEL MINISTRO CONDE DE FUNCHAL.

Faleceu o Conde de Linhares a 26 de janeiro de 1812, aos 56 anos de idade, no Rio de Janeiro.

A José Bonifácio, como a tôda gente, constou como certo que seu substituto, como principal Ministro do Príncipe-Regente D. João, seria o irmão daquele, D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho, Conde (mais tarde Marquês) de Funchal, Embaixador português em Londres. Conhecendo-o, de Veneza, escreveu-lhe, talvez para dar os pêsames pela morte do amigo. Recebendo resposta, três interessantes cartas lhe fêz, no mesmo ano a 30 de julho, e a 3 e 7 de setembro de 1813. Guardam-se, tôdas, na Coleção José Bonifácio, do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Aqui as transcreveremos pelo que significam para a biografia do Andrada, especialmente quanto às suas idéias, planos e projetos relativos ao Brasil, quando ainda residia em Portugal. Embora o Conde de Fun-

(29). — Como Inspetor, que era, das Minas da Capitania de São Paulo.

(30). — Como Juiz de Fora de Santos, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva manteve sérias divergências com o Governador da Capitania de São Paulo, Antônio José de Franca e Horta. Todavia, em 1811 foi nomeado Ouvidor da Comarca de São Paulo.

(31). — O pessimismo do Conde de Linhares refletiria seu mau estado de saúde e as dificuldades que sua orientação progressista e em benefício do Brasil provocava dos retrógrados.

(32). — Guarda-se esta carta na Secção de Manuscritos da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; indicação do Catálogo: II — 30, 14, 12.

chal não tenha vindo ser Ministro no Rio de Janeiro, conforme depois explicaremos, de acôrdo com as cartas que a respeito escreveu ao Ministro inglês na Côrte portugueza, Lorde Strangford, que hoje nos pertencem, — tem muito interêsse a citada correspondência, como veremos.

E' o seguinte o início do texto, anotado, da primeira daquelas três cartas:

“Ilmo. e Exmo. Sr. Conde de Funchal,

“Meu bom e honrado Amigo, a carta de V. Exa. muito bem me fêz ao coração. Vejo que ainda se não esqueceu do seu Andrada de **Veneza**, do seu Amigo que nunca se esquecerá da gentil lembrança de sacrificar os seus serviços no tempo da perseguição do Cafre Luis de Vasconcelos, de bestial memória (33). Se lhe não tenho escrito, foi por escrúpulo de não ser abelhudo e porque me não cumpria ir tomar-lhe o tempo, que lhe não chegaria para despachar negócios, desfazer intrigas e cabalarias e debelar tanto gigante descomunal e tantos **Malandrins**. Depois (*sic*) que vi por fim lembrados os seus grandes serviços e por fim nomeado Ministro de Estado, então de propósito o não quis fazer, porque depois de tanto silêncio, podia talvez a minha escrita cheirar a Lisonjaria, baixeza que meu coração detesta por antipatia orgânica e por princípios arraigados e já hoje invencíveis. Deu-me muita consolação a sua carta, porque dela vejo que V. Exa. apesar das cinzas dolosas (*sic*), que vai pisar, tem todavia coragem de ir fazer bem pelos únicos caminhos que deve — Justiça, Merecimentos.

“Depois de tão longo intervalo, permita-me que aboque esta primeira ocasião para conversarmos um pouco, em coisas que podem ser úteis aos meus naturais (34) e de glória sólida ao nosso bom Príncipe. Não presumo tôlamente ir dizer pensamentos ou segredos Pitagóricos a V. Exa., não Sr., já disse que quero conversar. Demais, a um Amigo, que pode influir na felicidade futura de milhões de Portuguezes, devo falar verdades ainda safadas (35), porque sempre faz bem a sua reminiscência.

(33). — Luis de Vasconcelos e Sousa, notável 4.º Vice-Rei do Brasil no Rio de Janeiro, de 1779 a 1790, mais tarde Conde de Figueiró, foi o sucessor de D. Rodrigo de Sousa Coutinho como Presidente do Real Erário, em 1803, e, ao contrário d'este, muito hostilizou o Intendente Geral das Minas e Metais do Reino, José Bonifácio.

(34). — Aqui se evidencia a preocupação de José Bonifácio com seus patricios, embora há 29 anos estivesse ausente do Brasil, desde 1783.

(35). — Gastas: usadas.

“Parece-me que estará por esta minha apologia e que me desculpará se a carta sair mais longa que a língua da Póvoa (36).

“Eu, pelo que tenho observado desde que voltei a Portugal (37), e pelo que já me tem sucedido, devera já ter tōda a esperança perdida de verdadeiros melhoramentos; e julgar-me no Inferno de Dante, onde os que entram deixam tōda esperança à porta, não me ficando por ventura outro papel que representar senão o **diabòlicamente heróico** do Satanás de Milton — mas, meu bom Sr., não sei como somos feitos os homens de bom coração, que nunca perdemos a esperança de melhor futuro”.

*

Um quadro pessimista do ambiente luso-brasileiro.

“V. Exa. vai substituir a seu imortal Irmão em uma Côrte dividida, pelo que soa, em partidos inimigos, onde, apesar do excelente coração do Soberano, decerto será abocanhado e atrapalhado pelas rivalidades do **Egoísmo** e da **Inveja**, pelas vistas acanhadas da Ignorância crassa e pelas intrigas infernais do **satrapismo** e do criaturismo, que nos têm arruinado. Por quem é, não seja tão franco e crédulo como seu bom Irmão: não se deixe enganar pelos intrigantes, astutos e hipócritas, que lhe hão de ir beijar os pés e lambe o trazeiro, quando quiserem ligar-lhe as mãos ou desatar para o seu interesse e planos tenebrosos. Entre nós até se finge destramente ciência e atividade, quanto mais patriotismo e probidade. Para levar ao cabo a regeneração do Estado Português e para a criação **Genérica** do Brasil não servem imposições de mãos sacramentais com que fazem de barbeiros sapateiros; e que nem com pedra tōsca de Lioz se podem esculpir Apolos do Belvedere. Lembre-se que tem, qual novo Magalhães, de navegar em barco pôdre e esburacado por entre montão de escolhos e arrecife. Seu honradíssimo e grande Irmão, cuja memória me será cara enquanto me durar este sôpro de vida que me anima, muito tentou, muito trabalhou — até matou-se; e, todavia, pela desgraça do tempo e lugar, por nímia bondade e confiança, por certa sofreguidão às vèzes prematura, **multum agendo**, muito lhe deixou que fazer. Pela última carta com que me honrou em 30 de outubro de 1811, êle mesmo andava receoso de que a ignorância e

(36). — Chamava-se, em Portugal, “légua da Póvoa”, a que parecia nunca acabar.

(37). — Voltara no ano de 1800, depois de dez anos de viagens de estudos, em vários países europeus.

intriga não derribassem os bens que tinha começado a tanto custo; e já cansado de lutar com gente cansada e ingrata, ia cada vez avaliando em menos a triste espécie humana. Mas que devia êle esperar de homens apagados nas trevas do obscurantismo e corrompidos, pela maior parte, até o âmago! Como podia tal gente avaliá-lo e ser-lhe grata? Se a moralidade e civilização de qualquer povo se fundam nas instituições políticas e religiosas e na Filosofia, para assim dizer, doméstica, de cada família e de cada indivíduo, como não devia êle encontrar, em vez de homens feitos, uma espécie de **Alarves brancos**? A nossa religião popular, que é um sistema ligado de superstições anti-sociais e contrárias à letra e ao espirito do Evangelho? Onde estão as nossas Leis antigas? Desde o Marquês de Pombal, nem os magistrados, nem o govêrno as executam ou respeitam (38).

“Que educação física e científica tem o nosso povo, principalmente no Brasil? A honra era uma quimera, o saber um traste inútil, quando não perigoso, o trabalho ativo inútil ou desnecessário, a virtude sonho de cabeças esquentadas. Eu posso enganar-me na minha misantropia, e até o desejo: mas desculpe V. Exa. um Paulista avezado à meditação dos Antigos e enfadado dos horrores da moderna Europa. V. Exa. vai para a Côrte do Rio de Janeiro e lá verá pelos seus olhos. Dinheiro, títulos e roliços Heróis, gritam em cardume os nossos Portuguezês; renda no Erário e novos impostos os nossos Estadistas, ignorância e superstição os nossos sabujos de corôa (39) e submissão passiva os nossos sátrapas”.

Sugestão Andradina ao eventual Ministro.

“O quadro é feio e talvez exagerado pela rabuje mental que me rói, mas não é para o desanimar na sua brilhante carreira, com tempo e constância aturada e também com boas manhas para milagres. Procure que se removam os obstáculos da indústria (40), que a razão e as ciências ganhem pés diariamente (41), educação física e ginástica, porque o clima e a fertilidade do torrão a re-

-
- (38). — Nesta, como em outras ocasiões, comprova-se o pombalismo de José Bonifácio.
- (39). — Representantes do abundante e nem sempre bom clero da época. De acôrdo com o *Almanaque do Ano de 1807*, de Lisboa, pág. 92, existiam, então, em Portugal “418 Conventos de Religiosos e 108 de Religiosas, além dos mais Conventos de Freiras sujeitos ao Ordinário, como também no Ultramar, tanto de Religiosos como de Religiosas”.
- (40). — Foi um dos primeiros cuidados do govêrno do Príncipe-Regente D. João, ao chegar ao Brasil, em 1808, determinar a liberdade da abertura de fábricas, revogando o alvará prohibitório de 1785.
- (41). — Frase típica da formação racionalística e científica de José Bonifácio é esta, relativa ao incremento a ser oficialmente dado à razão e às ciências.

querem imperiosamente (42); não empecer os vôos espontâneos da atividade particular (43); prêmio certo e pronto aos beneméritos e castigo aos patifes. Nada de castelos de cartas de jogar, que só divertem crianças. Tudo ligado e sucessivo, — e verá então V. Exa. quantos milagres se fazem. E' difícil a empresa; porém, para merecer a estimação e o respeito dos homens de bem, basta começá-la com juízo.

“V. Exa. diz muito bem que vai mudar de vida. Sim, Sr., e como vai viver entre **cafres** e **cimérios**, que remédio senão alumia-los e humanizá-los! Não tema, porém, pela sua saúde; porque, apesar da Nova Guiné do Rio de Janeiro, se seguir a dietética (44) fundada em longa experiência, e se não trabalhar nas horas de maior calor (45), fico que viverá tão bem como os indígenas; — os banhos de mar e passeios a cavalo lhe farão muito bem (46); e Deus o ajudará no resto. Será difícil amalgamar-se com os outros **semimebais** com que vai combinar-se e não permita o Céu que nesta amálgama se neutralize V. Exa. de todo; porque então estamos perdidos (47). Outra: a amalgamação muito difícil será a liga de tanto metal heterogêneo, como brancos, mulatos, pretos livres e escravos, índios, etc., etc. em um corpo sólido e político (48). Se agora já pudesse tomar a liberdade de lhe enviar por escrito as idéias que me têm ocorrido sobre novas leis regulativas da escravatura inimiga política e amoral mais cruel que tem essa Nova China (49), se com tempo e jeito não se procurar curar êsse cancro (50), adeus um dia do

-
- (42). — Aqui, como acima, no início do parágrafo anterior, refletem-se idéias que também eram do amigo e compadre de José Bonifácio, com êle talvez co-autor do famoso poema satírico contra a Universidade de Coimbra — *O Reino da Estupidez*, de 1785, — Francisco de Melo Franco, precursor da pediatria luso-brasileira no *Tratado da Educação Física dos Meninos*, de 1790. (Cf. José Martinho da Rocha — *Nosso Primeiro Puericultor*, Rio de Janeiro, 1946).
- (43). — O favorecimento das atividades privadas, tantas vezes prejudicadas pela ação oficial, já era idéia do realista José Bonifácio.
- (44). — Falta uma palavra neste ponto, em que o autógrafo está rasgado.
- (45). — Não se adotou na maior parte do Brasil o hábito ibérico da sesta, aqui preconizado pelo Andrada.
- (46). — Se José Bonifácio partilhou dos preconceitos então vigentes, sobre o mau clima do Rio de Janeiro, nem por isso deixou de apontar-lhe remédios.
- (47). — Felizmente não recebeu confirmação a previsão pessimista.
- (48). — Aqui vêm-se reflexos de outro preconceito, aliás comum à época, como posteriormente.
- (49). — A comparação, muitas vezes feita, do Brasil com a China, relativa aos problemas comuns aos dois grandes países, terá em José Bonifácio um precursor.
- (50). — Várias vezes insistiu o Andrada em comparar a escravatura a um “cancro” de que soffresse o Brasil. No que aliás seguiu-o o primeiro Imperador. (Cf. nossos Folhetins “D. Pedro I — abolicionista”, publicados no *Jornal do Commercio* de 5 e 12 de outubro de 1962, futuro capítulo do livro *D. Pedro I — Jornalista*).

Brasil. O outro objeto que me tem merecido muita meditação e desvêlo, são os pobres índios, assim gentios como domésticos (51); — para que a raça desgraçada desta mísera gente não desapareça de todo, é mais que tempo que o Governô pense sèriamente nisto: a povoação do país, a religião e a humanidade bradam há muito tempo por um sistema sábio, ligado e duradouro” (52).

*

Indicação de cientistas para viajar no Brasil.

“Vamos por fim ao que me pede. V. Exa. quer que lhe aponte alguns homens de talento e capacidade, e o que mais é, de probidade, que possa empregar em viagens Botânicas, Mineralógicas e Químicas, pela vasta e rica **terra incógnita** (53) Brasileira. Com efeito, tem muita razão de querer nacionais; pois foi vergonha empregar o inglês Mawe, para se decidir se uma pedra era um diamante ou um calhau (54).

“Com todo o rigor e siso, aí vai o pequeno catálogo que achei.

“Para a Botânica é excelente o lente substituto Antônio José das Neves (55). Em conhecimento e talentos o julgo muito superior ao tartufo do Brotéro (56); mas tem o seu defeito e é poetizar algum tanto, e ser filhote (57). No Maranhão estava um môço hábil na matéria: Vicente Jorge Dias Cabral (58), de quem vi algumas Memórias que me agradaram.

“Em Mineralogia posso inculcar meu Irmão, o Coronel Martim Francisco Ribeiro de Andrada, formado em Filosofia e Matemáticas e Diretor das Minas de São Pau-

-
- (51). — Selvagens ou catequizados, queria dizer, isto é, ainda sem contacto com os brancos ou já em seu convívio.
- (52). — E' bem anterior a 1812 a preocupação de José Bonifácio com a escravidão dos negros e a civilização dos indígenas — objeto de dois trabalhos seus, sòmente publicados em Paris, 1825, e Rio de Janeiro, 1823, respectivamente.
- (53). — Marcados por estas duas palavras apareciam largos trechos do território brasileiro, em mapas antigos.
- (54). — Apesar do vigor da objurgatória nacionalista andradina, convém lembrar que ainda recentemente, em assuntos de identificação mineralógica, com mais facilidade se acreditava em um leigo estrangeiro que em um técnico nacional, conforme pitorescamente registrou o mineiro Álvaro Astolfo da Silveira. No caso, porém, sem diminuição dos serviços que nos prestou John Mawe, autor da Viagem ao Interior do Brasil, principalmente aos Distritos do Ouro e do Diamante, de Londres, 1812.
- (55). — Lente substituto da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra.
- (56). — Félix de Avelar Brotéro, lente de Botânica e Agricultura da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra.
- (57). — Protegido.
- (58). — Natural do Tejuco, bacharel em Filosofia e Leis, em 1789 e 1794, respectivamente.

lo. Em uma Viagem Mineralógica que fêz comigo e o destro italiano Napion, deu-me muitas esperanças e mostrou muito talento (59).

“Hoje está Tenente-Coronel no Brasil um alemão que me veio para mestre da Fábrica de Ferro, Guilherme de Eschwege, que aqui se deu muito a êste estudo e o fiz viajar com êste fim por algumas partes do Reino; tem talento e atividade; mas quanto ao caráter não o posso abonar depois que se fêz Barão do *ci-devant* Sacro Império Romano com bulas falsas (60).

“Para a Química acha-se no Brasil José de Sá Bittencourt Acióli, Irmão do Câmara, muito capaz; foi meu condiscípulo em Coimbra e então mostrou mais talento que o Irmão (61).

“Aqui está um môço que é uma jóia em Química, e é Alexandre Antônio Vandelli, filho do infeliz velho Domingos Vandelli, que apesar de 90 anos de idade e de já estar quase caduco, ainda assim foi julgado **perigoso** e como tal jaz desterrado sem tom nem som. O filho, por experiência de quase três anos o julgo muito hábil, e o mais capaz em Química de quantos conheço (62).

“Por cá ou por lá se poderão descobrir mais alguns, mas não dos que estão em cadeiras ou estabelecimentos novos no Rio; porque, segundo me consta, são, ou pedantes, ou perfeitas lesmas” (63).

*

José Bonifácio, candidato ao Govêrno de Santa Catarina.

“Tenho acabado a minha **rapsódia**; mas ainda tenho a dizer-lhe mais um bico de obra. Quero oferecer-me a V. Exa. para alguma coisa que possa ser útil ao Estado e ao Brasil, onde nasci e desejo ansiosamente servir (64), por-

-
- (59). — A “Viagem Minerográfica pela Província da Estremadura até Coimbra”, feita no outono de 1800 e inverno de 1801, conforme trabalho lido na Academia Real das Ciências, mencionado nas respectivas Memórias de Matemática e Física, vol. III, parte II, Lisboa, 1814.
- (60). — Na biografia de Guilherme Luis, Barão de Eschwege, de autoria de Frederico Sommer (São Paulo, 1952), não há dúvidas sobre seu baronato.
- (61). — Nascido em Caeté, Minas Gerais, bacharel em Filosofia na Universidade de Coimbra, 1787. Seu irmão, Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá.
- (62). — Alexandre Antônio Vandelli seria genro de José Bonifácio, casando-se com sua filha Carlota. Domingos era lente de prima, jubilado, da Universidade de Coimbra, ex-diretor do Jardim Botânico de Lisboa.
- (63). — Haverá exagêro, certamente, nesse pessimista e generalizante julgamento andradino.
- (64). — Aqui mais uma vez se evidencia o sentimento brasileiro de José Bonifácio.

que conheço o que pode e deve vir a ser um dia, se tivermos juízo; e porque me rói a consciência de me não ter ainda aproveitado da Licença Real que lá me alcançaram (65). Porém aqui tenho ficado, porque comecei a Restauração e queria vê-la já livre de maior perigo (66). Demais, seu bom Irmão, o Sr. Principal (67), a quem devo mil atenções e fiel amizade, emperrou-se em me ter a seu lado; e cedi enquanto me julgavam necessário e enquanto durava a borrasca, que, graças ao Céu, já vai aboançando.

“Honras e mercês brilhantes, como tem obtido tanta gente não sei como, nem as requeiro, nem as espero; ainda que os meus tais quais serviços, como literato, homem público e soldado, alguma contemplação mereciam; porém, subsistência certa e alguma estimação pública, deve-se-me decerto (68). Já estou velho e mal acostumado para ser sabujo e galopim de ante-salas; mas, se me quisessem dar algum Governilho subalterno, folgarei muito ir morrer na Pátria e viver o resto dos meus dias debaixo do meu natural Senhor, pois sou Português castiço (69). Poderia nêle, se me dessem e me deixassem as mãos livres, ir plantar as artes e agricultura Européia; pôr em administração regular os bosques; criar pescarias e salgações e experimentar o meu projeto de civilizar a Cristão os Índios. Peço um Governilho; porque detesto o ser Desembargador de presente e de futuro (70). Um pequeno país que me convinha, era Santa Catarina, ajuntando-se-lhe os campos vizinhos da Coritiba (sic), para

-
- (65). — Havia José Bonifácio conseguido licença para vir ao Brasil, mas dificuldades supervenientes fizeram com que tivesse de adiar a realização desse desejo, até 1819.
- (66). — Referia-se às lutas contra a segunda e terceira invasões francesas de Portugal, comandadas pelos Generais Sout e Massena, em 1809 e em 1810-1811.
- (67). — O Principal Sousa, D. José Antônio de Menezes e Sousa Coutinho, Principal Diácono da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa, irmão do Conde de Funchal, desde 24 de maio de 1810 um dos Governadores do Reino de Portugal, nomeados pelo Príncipe-Regente D. João.
- (68). — A convicção do próprio valor aqui se alia ao tantas vêzes alegado orgulho andradino.
- (69). — Não se estranhe essa declaração, perfeitamente natural quando todos os brasileiros eram considerados portugueses.
- (70). — Desde 5 de março de 1805 havia sido José Bonifácio nomeado Desembargador da Relação do Pôrto. (Título de nomeação na lata 191, ms. 4. 919 da Coleção José Bonifácio, do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro). Tinha razão o Andrada em assinalar seu desamor às funções de magistrado ao Conde de Funchal, porque este, segundo José Liberato Freire de Carvalho, em suas Memórias, “era homem muito instruído, de maneiras agradáveis, e até engraçadas, e inimigo declarado de três altas classes da sociedade, como eram — padres, inquisidores e desembargadores, dos quais dizia tinham vindo todos os males a Portugal; porque por êles tôdas as nossas leis tinham sido feitas, e por êles sempre tínhamos sido governados”.

novos estabelecimentos de manteigas e queijos, trigos e farinhas (71). Se V. Exa. aprovar esta minha lembrança e lá me quiserem, estou prontíssimo.

“Cumpre acabar. Tomo a liberdade de enviar-lhe esta papelada inclusa, porque lhe poderá excitar alguma idéia útil. Rogo-lhe, por fim, que me creia que o amo e respeito de veras como Sousa, como homem de talentos grandes, como Português antigo e como homem de honra. Se tiver alguns momentos de descanso, que queira desperdiçar em responder-me, lhe ficarei muito obrigado; se não tiver, paciência e nem por isso deixarei de ser sempre, com tôdas as veras e cordialidade

“De V. Exa.

“Atento venerador, amigo fiel e criado obrigadíssimo

“José Bonifácio de Andrada e Silva.

“P. S. — Mil parabéns pela grande vitória contra Marmont (72). O, se lhe pudéssemos acabar a raça!

“Quando chegar ao Brasil, lembre-se de minha Família, que é honrada” (73).

*

* *

Um 2.º P. S. ajuntou o Andrada a essa carta de 30 de julho de 1812; nêle enumerou vinte e uma de suas sugestões relativas ao govêrno do Brasil. Como já as transcrevemos, com acréscimos procedentes de outras notas suas, que se encontram no Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em dois Folhetins intitulados “Idéias Políticas e Econômicas de José Bonifácio”, publicados no **Jornal do Commercio** a 12 e 19 de julho de 1963, a serem transcritos no vol. 260 da **Revista** do mesmo Instituto, deixamos de reproduzi-las aqui.

*

POR QUE FUNCHAL NÃO QUIS SER MINISTRO DE ESTADO.

Escrevendo de Londres a seu amigo Lorde Strangford, Ministro da Grã-Bretanha no Rio de Janeiro, a 8 de maio de 1812, transmitiu-lhe D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho o seu

(71). — Note-se, aqui, o conhecimento andradino dos laticínios e produções agrícolas suscetíveis de desenvolvimento em Santa Catarina e no atual Paraná.

(72). — Marechal napeolônico, Duque de Ragusa, derrotado na Espanha, perto de Salamanca.

(73). — Rascunho na lata 191, ms. 4.845, Coleção e Arquivo citados.

sentimento com a notícia da morte do irmão D. Rodrigo, Conde de Linhares, de que soubera doze dias antes.

Noutra, no dia 16, comentou o seu desejo de não deixar a Inglaterra para vir aqui morrer de tristeza, como havia acontecido ao irmão. Solicitou-lhe que nesse sentido intercedesse junto a D. João, porém de modo que não viesse a perder o favor do Príncipe. Queria viver em paz os poucos anos que lhe restavam, alegava.

A 18, exageradamente pediu-lhe que transmitisse ao Regente que seus olhos, de que não podia tirar os óculos, não suportariam um reflexo do sol, no clima do Rio de Janeiro... Insistiu nesses hipotéticos rigores climáticos, em carta de 2 de junho. Para protelar sua partida, não queria deixar Londres sem a chegada de seu sucessor na Embaixada, o Conde de Palmela. Repetiu-o a 4 de julho, assinalando que Deus quis que êle tivesse a coragem de dizer “não”. Continuou adiando a partida a 7 do mesmo mês, dizendo não poder abandonar sua missão (74).

O resultado de tanta resistência contra a nomeação para Ministro de Estado, foi a vitória de seu desejo de permanecer na Inglaterra, continuando na pasta, que êle não quis, o Conde das Galvêas.

*
* *

MAIS DUAS CARTAS DE JOSE' BONIFÁCIO AO CONDE DE FUNCHAL.

Além da aqui transcrita, de 30 de julho de 1812, mais duas cartas de José Bonifácio ao Conde de Funchal existem na Coleção que tem o nome do Patriarca da Independência, no Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Escritas quando já havia passado a possibilidade da vinda do destinatário ao Brasil, para ser Ministro de Estado, menor é o seu interêsse quanto ao nosso país. Datadas de 3 e 7 de setembro de 1813, são, entretanto, úteis para o estabele-

(74). — Os originais de mais de uma centena de cartas do Conde de Funchal a Lorde Strangford, datadas de 1805 a 1820, adquiridos em leilão na Inglaterra pelo diplomata, chanceler e historiador argentino Sr. Enrique Ruiz Guiñazú, foram-nos por êste gentilmente oferecidos. (Cf. Hélio Vianna — “Um diplomata português neto de brasileira — D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho, Conde e Marquês de Funchal”, no *Jornal do Commercio* de 30 de junho de 1957 e na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 237, de outubro-dezembro de 1957, págs. 240-241).

cimento de alguns pontos ainda desconhecidos, referentes à biografia do grande brasileiro.

Assim, na primeira, relatou os trabalhos que então empreendia em Portugal, como o da intensificação do plantio de bosques, que se refletiria em publicação a imprimir-se (75). Também tinha em projeto a redação de estudo sobre a antiga geografia de Portugal, assunto sobre o qual existem notas em seu Arquivo (76).

Mencionou, porém, as lutas que no velho Reino tinha de travar contra os adversários, idênticas às que no Rio de Janeiro teve de enfrentar o Ministro Conde de Linhares, que a seu ver aqui trabalhou demais, sem cuidar da preservação da saúde, como era necessário no clima carioca, assinalou o Andrada.

*

JOSE' BONIFACIO, CANDIDATO A DIPLOMATA PORTUGUÊS.

Na carta de 7 de setembro de 1813, insistindo no tema de suas dificuldades de ação em Portugal, pediu que o amigo usasse sua influência para que pudesse ser empregado na carreira diplomática, ainda que para servir em Marrocos (77)... Não podia prever que justamente nove anos depois seria êle o Ministro da Independência do Brasil, contra a qual, tentando uma já impossível "consolidação do Reino Unido", no mesmo ano de 1822 escreveu Funchal um já tardio trabalho (78).

*

* *

CARTAS DE JOSE' BONIFÁCIO A TOMÁS ANTÔNIO DE VILANOVA PORTUGAL.

Entre os bons amigos portugueses de José Bonifácio de Andrada e Silva, contava-se o Desembargador Tomás Antônio

-
- (75). — Memória sobre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal, particularmente de pinhais nos areais de Beira-mar, seu modo de sementeira, custeamento e administração, Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1815, VIII-188 págs.
- (76). — Inclusive sobre Geografia antiga da Lusitânia, baseada em texto de Ptolomeu. Coleção e Arquivo cits., lata 192, ms. 4.914.
- (77). — As duas citadas cartas de José Bonifácio ao Conde de Funchal, como a primeira, guardam-se na lata 191, ms. 4.845-B, Coleção e Arquivo cits.
- (78). — "Considerações sobre o estado de Portugal e Brasil, desde a saída d'El-Rei de Lisboa em 1807 até o presente, indicando algumas providências para consolidação do Reino Unido", datadas de 4 de junho de 1822, transcritas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo XXVI, de 1863.

de Vilanova Portugal, aliás seu compadre. Gozando, êste, de absoluta confiança do Rei D. João VI, de quem, efetiva ou interinamente, foi Ministro de tôdas as pastas e Presidente do Real Erário entre 1817 e 1821, no Rio de Janeiro, era natural que estivessem em contacto epistolar, depois que o Andrada regressou ao Brasil, em 1819.

Das cartas que no ano seguinte lhe dirigiu, duas, pelo menos, têm interêsse histórico e biográfico, motivo pelo qual aqui as transcreveremos, anotadas para melhor esclarecimento, como de costume modificadas apenas nas respectivas ortografia e pontuação.

*

CARTA DE 18 DE MAIO DE 1820.

Guarda-se na Coleção José Bonifácio, do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o rascunho da primeira das referidas missivas, datada de 18 de maio de 1820. E' o seguinte o seu texto:

“Ilmo. e Exmo. Sr. Tomás Antônio de Vilanova

“Concluída a minha digressão Econômico-Metalúrgica pelas serras e campos do interior da bela e bárbara Província de São Paulo (79), cheguei a Santos a 5 de mês, doente e cansado; e todavia parti a 11 para São Paulo (donde escrevo), para assistir à Festividade dos Anos de Sua Majestade (80), que desempenhou com muito asseio o atual General (81). Só depois de chegado a Santos é que tive o prazer de receber a carta de V. Exa. de 2 de abril, que muito bem me fêz ao coração. Deus lho pagará. Creio que já estará V. Exa. entregue da minha carta de Itu e, por isso, só responderei mais por miúdo a alguns artigos da sua carta.

*

José Bonifácio, conselheiro de D. João VI.

“Em primeiro lugar agradeço muito e muito a Sua Majestade êste primeiro sinal de lembrança que acabo de receber no Brasil; e a V. Exa. também, a parte que nisto tomou. Olhada por êste lado, a mercê do título de Conse-

(79). — Note-se que José Bonifácio, antes da mutação oficial, procedida pelas Côrtes de Lisboa, em 1821, já chamava São Paulo de “Província”, embora mais adiante, pelo hábito, voltasse a escrever “Capitania”.

(80). — A 13 de maio de 1820 transcorreu o 53.º aniversário de D. João VI.

(81). — João Carlos Augusto Ulrico de Oeynhausen-Gravenburg, depois Senador, Visconde e Marquês de Aracati.

lho me foi muito lisonjeira, bem que pelo meu pouco préstimo a quem estou eu em estado de aconselhar (82)?

“Para verificar o ditado de que os males e gostos não vêm sós, recebo pelo mesmo correio essa pequena Ode de um Poeta anônimo de Lisboa, que não deixou de fazer-me suas cócegas ao meu amor próprio, porque em parte creio não desmerecer seus elogios:

“Quanto aos Cubatões, tendo lido um antigo manuscrito sobre o assunto e feito novas indagações, remeto esta lembrança a V. Exa., porque creio não lhe serão desagradáveis; mas duvido que o General, que gosta mais de paradas e de contradanças, que de cortar mato e subir serras, queira ou possa sujeitar-se a ir examinar ou escolher dentre os velhos Cubatões e caminhos, o melhor para carros e segas. Provavelmente incumbirá o negócio a algum militar, que fará o que puder ou souber” (83).

Mineiros e colonos alemães para São Paulo.

“Folgo infinito que V. Exa. tenha vontade de comprar com as rogativas das famílias Alemãs, principalmente dos mineiros do Harz (84); estas colônias são de sumo interesse para o Brasil, porque lhe trazem uma mistura de sangue e dão exemplo vivo da maior atividade e moralidade, de que tanto precisamos. Dos que fôrem de beiramar, uns podem estabelecer em São Vicente e Conceição (85), que tem terras em abundância e muito baratas; outros podem ficar nas terras Reais, que ainda restam da Fazenda do Cubatão e outros sítios das novas estradas e Cubatões, que se abrirem. As famílias mineiras podem estabelecer-se em Araçariçuama (86), que é Fazenda d’El-

(82). — A carta de mercê do título de Conselheiro, concedido a José Bonifácio, assinada por D. João VI e referendada por Tomás Antônio, datada de 18 de agosto de 1820, encontra-se na Coleção e Arquivo citados, lata 192, ms. 5.018.

(83). — Na citada Coleção, lata 191, ms. 4.865, encontra-se, em letra diferente da de José Bonifácio, a “Notícia dos Cubatões Antigos”, provavelmente a mencionada na carta ao Ministro Tomás Antônio, sobre as vias de acesso de Santos ao planalto paulista. Paulo Prado, em *Paulística* (São Paulo, 1925), nota 4, págs. 7-10, foi o primeiro a transcrever esse documento, hipoteticamente atribuindo sua letra a Frei Gaspar da Madre de Deus. Mas na mesma Coleção, lata 191, ms. 4.884, também existe, na caligrafia do Andrada, não citada por Prado, nota menor sobre “os Cubatões e passagens da serra, que havia antes de serem tapados pelo novo contrato”, a qual deve conter o resultado das mencionadas “novas indagações”. Cita cinco Cubatões e passagens da serra: “o atual”, o Cubatão velho, mais ao sul; o Cubatão de Piassaguera; o do rio de São José; o de Pelais (Pilões?), no rio da Bertioaga, para Mogi das Cruzes. Interessam, todos, à História da Viação Paulista.

(84). — Harz ou Hartz, região mineral alemã, entre o Hanover e Brunswick.

(85). — Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, no litoral do Sul paulista.

(86). — Hoje vila do município paulista de São Roque.

Rei, e em outros sítios dos t ermos auriferos e f erros de Parnaiba e outros vizinhos. As familias dadas   agricultura podem fazer assento nos vastos campos que cercam a cidade de São Paulo e se estendem ao longo da cordilheira do Mar, entre esta e a outra paralela e central do Japi, de que já tratei no meu **Diário** (87) que enviei a V. Exa. Verdade   que a maior parte dos mineradores do Hartz se ocupam em lavrar e apurar os minerais de chumbo e prata e de cobre e ferro. De ferro tem muita riqueza na Capitania; de prata há já algumas noticias, ainda pouco seguras; mas   provável que a imensidade de betas quartzosas que atravessam as rochas do **gneiss**, **xisto micáceo** e **argiloso** não são ter o ouro, mas prata e outros metais que o acompanham (88). E quando a minha Capitania não contenha prata e chumbo, o que não creio, prata tem o Pará, segundo o Padre Acugna (sic) (89) e Harthing (90); prata e chumbo Minas Gerais e Cuiabá; prata o Ceará e o interior de Pernambuco, segundo Pison (91) e Nieuhof (92), e muito a serra da Borracha, no sertão da Bahia, como colhi das suas amostras. Demais, os mineiros de brocar e dar fogo são muito necessários para trabalhar as betas auriferas que temos e abrir rasg es e lavras de ouro de talho aberto e água por cima. Os fundidores de ferro podem ser empregados parte na Fábrica do Ipanema (93), parte em outra ainda melhor, que se deve fazer em Pirapora; e os outros nas pequenas fábricas particulares que podem levantar-se em Juiquiri, Santo Amaro, Iacui e muitos outros lugares da Capitania, em que há bom mineral e carvão, mas falta pedra calcárea. Falei com o General sôbre êste assunto das col nias alemãs, mas não descobri nêle nenhum entusiasmo ou boa vontade, porque me veio logo   cara com falta de meios, que   o grande espantelho com que se assusta a gente pusilânime (94). Eu, porém, creio que tudo quanto às

-
- (87). — Foi  ste Diário aproveitado na “Viagem Mineralógica na Província de São Paulo”, primeiramente publicada em francês, no *Journal des Voyages*, 1827, depois em portug es, em anexo   *Geologia Elementar aplicada   Agricultura e Indústria*, etc., de Nereu Boub e, Rio de Janeiro, 1846.
- (88). — Na Mina do Morro Velho, em Nova Lima, Minas Gerais, extrai-se a prata que acompanha o ouro.
- (89). — Padre Cristóbal de Acu a, jesuíta, autor do “N vo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas”, de 1640.
- (90). — No original está “Hartling”, não identificado.
- (91). — Guilherme Piso, autor da *Historia Naturalis Brasiliae*, de 1648.
- (92). — Joan Nieuhof, autor da *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, de 1682.
- (93). — Em Sorocaba.
- (94). — Falhou essa tentativa do Ministro Tomás Antônio, de encaminhar mineiros e colonos alemães para São Paulo, 1820. Sendo Ministro do Reino e Estrangeiros, a 21 de agôsto de 1822 coube a José Bonifácio dar minuciosas instru es ao b varo Jorge Antônio Schaeffer, para aliciar mi-

minas de ouro e ferro, que por meio de companhias particulares tudo se pode fazer, quando houver gente patriótica e instruída que tenha as mãos livres para fazer o bem e não para fazer mal. Nos papéis inclusos vai o esboço para as Companhias Mineiras (95) e para a nova Academia Metalúrgica” (96).

*

Projeto de José Bonifácio para a Universidade de São Paulo.

“Não vejo embaraço que obste a que V. Exa. possa realizar a sua bellissima idéia de uma Universidade parcial de Ciências Naturais, já que o mau fado que persegue o Brasil não consente por ora cuidar em Universidade geral. A lembrança de Manuel Luís (97), de acrescentar à sua Academia Médico-Cirúrgica cadeiras de Montanística e Metalurgia própria, é sonho patriótico, que, porém, fará rir a Europa, que quer realidades úteis e não bons desejos sômente. Apesar de estar doente, velho e já cansado de lutar com tolos e malvados, eu estava pronto de votar ainda oito anos de vida para a criação da nova Universidade de São Paulo, para cuja dotação ofereceria a minha livreria e coleções, porque assentava ser esta empresa digna do Ótimo Rei que nos governa, digna de V. Exa. e digna do meu nome e reputação Européia (98); para menos não sacrificio a minha vida e o meu descanso. Estou pronto, contudo, de trabalhar na minha banca de jaleco e calças nos Estatutos da sua Universidade parcial e até de dizer o meu parecer na escolha dos novos professores (99).

litares e colonos destinados ao Brasil, na Alemanha e Austria. (Cf. Guilherme Auler — “Introdução” ao Registro de Estrangeiros, 1808-1822, do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1960, pág. 16).

- (95). — No Folhetim intitulado “Economia brasileira no Arquivo de José Bonifácio”, publicado no *Jornal do Commercio* de 2 de agosto último, mencionamos os escritos andradinos relativos às “Companhias Mineiras”.
- (96). — Trata-se do “Plano para o estabelecimento de uma administração prática de minas e, ao mesmo tempo, de uma Academia Metalúrgica no Brasil”, que se guarda na lata 191, ms. 4.858 da Coleção e Arquivo citados.
- (97). — Manuel Luís Álvares de Carvalho, médico da Real Câmara, professor de Cirurgia.
- (98). — José Bonifácio sempre fez questão de mostrar que tinha em alta conta a reputação em que era tido nos meios científicos europeus.
- (99). — Na lata 191, ms. 4.545-B, da Coleção José Bonifácio, do Arquivo do Instituto Histórico, encontra-se, do punho do Patriarca, um curioso “Esbôço de Universidade no Brasil”, no qual em primeiro lugar declarou que deveria ser localizada em São Paulo, por seu melhor clima. A ela competiria a Diretoria Geral dos Estudos de todo o Ultramar português. Disporia de Tipografia, Laboratório Químico, Observatório Astronômico, Museu de História Natural, Livreria (Biblioteca) e Hospital. Dela ex-

“Quanto aos estabelecimentos minerais de ouro e ferro (falta aqui uma palavra) da minha Capitania, não é preciso pôr-me à testa dêles (faltam duas palavras) um Diretor Geral de Minas e Metais, que cobre sôlido é meu digno Irmão Martim Francisco, é ainda môço, tem fôrças e talento, cobra ordenados porque deve trabalhar efetivamente. A êste estou pronto de ajudar e aconselhar com todo o amor, zêlo e experiência que tenho”.

*

Condições em que José Bonifácio governaria São Paulo.

“Abro o meu coração a V. Exa. Eu sacrificaria de boa mente o descanso de que preciso, não só para pôr espezques à vida, mas para poder pôr a limpo e imprimir as minhas pequenas obras literárias, em que tenho gastado o melhor da vida (100), se me capacitasse que poderia ser útil e verdadeiro a Sua Majestade e aos nobres desejos de V. Exa.; mas, infelizmente, estou convencido que com o sistema atual de governar as Províncias (101), não é possível nelas fazer estabelecimentos que durem e utilizem. Ou acabar com o sistema, ou nomear governadores que os possam fazer e conservar. Se eu fôra Fidalgo de polpa ou Europeu (102) e tivesse mais saúde e energia, ousaria dizer francamente a Sua Majestade que, se quisesse ver a minha Capitania aumentada em minas, agricultura, pescarias, povoação, moralidade e indústria, devia lembrar-se de mim para Capitão-General dela, ao me-

pressamente excluiu o ensino da Teologia, que só deveria competir aos Seminários dos Bispos. Governada por um cancelário, que seria um príncipe de sangue, teria, entretanto, Reitor e Tesoureiro, com orçamento anual de apenas 29:650\$000. Dividir-se-ia em três Faculdades, de Filosofia, Jurisprudência e Medicina. A primeira dividida em três classes, de Ciências Naturais, Filosofia Racional e Moral e Ciências Matemáticas. Teria dez cadeiras. A de Jurisprudência, cinco; a de Medicina também cinco.

No livro *Educação Superior no Brasil*, do Professor Ernesto de Souza Campos (Rio de Janeiro, 1940), pág. 230, foi registrado o silêncio de José Bonifácio durante a discussão, na Assembléa Constituinte de 1823, de projetos relativos à criação de Universidades no Brasil: “Limitou-se a propor à Comissão de Instrução Pública que mandasse imprimir um projeto de sua lavra, sôbre a organização e regime das Universidades do Brasil. Êste documento parece perdido”. Sua origem deve estar no que agora divulgamos, provavelmente de 1820.

- (100). — Projeto que por muitos anos manteve e nunca chegou a realizar.
(101). — Note-se que mais adiante José Bonifácio ainda menciona a “Capitania”, pois só em 1821 as Côrtes de Lisboa mudaram esta para a denominação de Província.
(102). — Sente-se, aqui, uma alusão à diferença praticamente existente entre “europeus”, reinóis, e brasileiros, embora a lei os não distinguisse.

nos por doze anos; mas como nada disto sou, não devo aceitar lugares e encargos, que nenhum proveito de monta e duração podem trazer a El-Rei e ao Estado, mas sim muitas colisões e desgostos para a minha cansada velhice.

*

Poesia patriótica e genétiaca.

“Muito júbilo tive com a notícia que V. Exa. me dá, das proezas dos meus Paulistas, feitas no Sul (103); eu as comuniquei a algumas pessoas, entre as quais houve um Poeta desconhecido, que fêz esta pequena Ode ao gôsto Persiano, que tenho a honra de enviar a V. Exa. (104), assim como os versos feitos nos anos d’El-Rei pelo mesmo Autor, que, se V. Exa. os achar sofríveis, terá a bondade de mandar copiar em boa letra, para apresentar a Sua Majestade (105). Envio também esta Memória sôbre a Fábrica Real de Ipanema, que, para bem dela, rogo a V. Exa. queira ler com alguma atenção (106).

*

Pedido de aposentadoria.

“Não me foi possível, pelo que tive de andar, pensar e escrever, aprontar o meu requerimento para que Sua Majestade se digne aposentar-me nos lugares que tinha em Portugal, do modo que lhe aprazer, conservando-me todos os ordenados e vencimentos que tinha, ou parte dêles, e mandando mos pagar pela Tesouraria de São Paulo, no que me fará uma esmola, em livrar-me de rodeios e embaraços e de (falta aqui uma palavra). Irá na próxima ocasião; mas desde já rogo a V. Exa. queira patrocinar esta minha derradeira súplica, com o amor e o zêlo da amizade (107).

-
- (103). — Na segunda campanha de ocupação da Banda Oriental, de 1817 a 1821.
(104). — Ode “Ao Senhor Dom João VI”, nas *Poesias Avulsas de Américo Elísio* (Bordéus, 1825), págs. 22-23. Nesta ode foram lembrados os paulistas na campanha da Banda Oriental: “Da reluzente espada, teus Paulistas / Irão sôbre os rebeldes sacudindo / Apinhoadas mortes”.
(105). — “O Brasil — Versos remetidos da Vila de Itú a Sua Majestade o Sr. D. João VI, no faustíssimo dia 13 de Maio de 1820”, nas *Poesias Avulsas de Américo Elísio*, cits.; págs. 58-60.
(106). — Hoje incluída em anexo à *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, Visconde de Pôrto Seguro, tomo V.
(107). — Sômente em 1821 competiria ao Príncipe-Regente D. Pedro conceder-lhe pensão de metade dos vencimentos que antes percebia em Portugal.

“Deus acrescente a vida de V. Exa., para bem do Reino Unido em geral, e em particular dos que têm a honra de ser, com todo o respeito e verdade,

“De V. Exa.

“São Paulo, 18 de maio de 1820” (108).

*

CARTA DE 28 DE AGOSTO DE 1820.

Em capítulo anterior, aqui transcrevemos, devidamente anotada, uma carta do Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva, dirigida ao seu compadre e amigo Tomás Antônio de Vilanova Portugal, Ministro de D. João VI, cujo rascunho se encontra entre os manuscritos andradinos preservados no Arquivo do mais que secular Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Rio de Janeiro.

A seguir reproduziremos outra missiva da mesma correspondência, igualmente interessante à História do Brasil e à biografia do grande brasileiro. Sendo do mesmo ano de 1820, guarda-se o respectivo original no Arquivo Histórico do Itamarati, do Ministério das Relações Exteriores, pois seu destinatário, tendo ocupado tôdas as Secretarias de Estado aqui existentes de 1817 a 1821, entre elas se contava a então denominada da Guerra e Estrangeiros.

E' o seguinte o respectivo texto:

“Ilmo. e Exmo. Sr. Tomás Antônio de Vilanova Portugal,

“Das cartas que ultimamente recebi de meu honrado amigo Ilmo. Sr. Frei Inocência e de meu irmão Martim, vejo que V. Exa. tem reparado na minha falta de escrita; quando eu o fiz de Itu em 9 de abril dêste ano, e de São Paulo em 18 de maio (109). Ter-se-ão por acaso desincaminhado estas cartas? Muito sentirei; porque a primeira ia acompanhada de parte do **Diário** da viagem por Serra acima (110); e a segunda ia recheada de papeletas, cujo catálogo é o seguinte: duas rapsódias poético-prosaicas de um desconhecido (111); uma notícia sôbre os Cubatões antigos de Santos para São Paulo (112); um Plano para o Regimento das Novas Companhias de Mineração do Bra-

(108). — Rascunho na lata 192, ms. 4.968, Coleção e Arquivo citados.

(109). — Esta aqui reproduzida, em capítulo anterior.

(110). — Conforme nossa nota 87, ao capítulo anterior.

(111). — Uma delas de elogios ao próprio José Bonifácio, que a deu como recebida de Lisboa.

(112). — Conforme nossa nota 83, ao capítulo anterior.

sil (113); um Esbôço para o estabelecimento da Academia de Ciências Naturais em São Paulo (114); uma Memória sôbre o estado presente da Fábrica de Ferro de Ipanema (115), que pretendo enviar com outras bagatelas à Academia Real de Lisboa (116). Tudo isto, que não é pouco, não sei se chegou às mãos de V. Exa., ou se lhe mereceu alguma atenção; queira V. Exa., por quem é, tirar-me destes cuidados.

“Já sei que V. Exa. está entregue do meu Requerimento para a aposentação (117); e apesar da minha débil saúde e da necessidade que tenho, de descanso e de cuidar em aproveitar as terras que comprei, estou sempre pronto a Servir a Sua Majestade como homem de Letras, última consolação sólida que me resta, entre **Boticudos e Árabes do mato** (118); e ainda em outro qualquer emprego honroso, em que possa ser **realmente** útil e preciso ao meu Ótimo Soberano e Pai, como já francamente expus a V. Exa. nessa Côrte (119). Ser-me-ia penosíssimo e insuportável que Sua Majestade pudesse suspeitar levemente que não tinha vontade de servi-lo para o futuro, como até aqui tenho procurado fazer, enquanto mo permitia este sôpro de vida que me anima; ou que tenho medo de expor de novo a minha vida, para continuar a cumprir com as minhas obrigações de vassalo fiel e agradecido”.

- (113). — Constam da Coleção José Bonifácio, do Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, duas cópias do “Plano de Regimento de Companhias Mineiras”, de sua autoria, com 36 artigos. A segunda, datada de 1807, acompanhada de cópia de carta remetendo-a ao Ministro João Antônio Salter de Mendonça, a 5 de novembro de 1809. (Lata 191, ms. 4.861 e 4.869). É possível que mais tarde o tenha modificado o Andrada, tendo em vista sua adaptação ao Brasil.
- (114). — Talvez tenha sido esta a origem da Sociedade Econômica Paulistana, no ano seguinte, 1821, efetivamente projetada por José Bonifácio. (Cf. Hélio Vianna — “Economia Brasileira no Arquivo de José Bonifácio”, Folhetim do *Jornal do Commercio*, de 2 de agosto de 1963).
- (115). — Trata-se da “Memória Econômica e Metalúrgica”, desde a 3a. edição integral da *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, anexada pelo anotador Rodolfo Garcia ao respectivo Tomo V, Secção LIII, nota III.
- (116). — Desde 1789 era José Bonifácio membro da Academia Real das Ciências, conforme diploma no Arquivo do Instituto Histórico, lata 175, ms. 4.065. Dela foi Secretário de 1812 a 1819. De acôrdo com o *Almanaque do Ano de 1807*, de Lisboa, pág. 617, era, então, “sócio livre”.
- (117). — Sômente a 14 de maio de 1821 a José Bonifácio concedeu o Príncipe-Regente do Reino do Brasil, D. Pedro, a pensão de metade dos vencimentos que antes percebia em Portugal, tendo em consideração os seus bons serviços (Coleção de Leis do Brasil, de 1821, Parte I, Rio de Janeiro, 1889, pág. 82).
- (118). — A soltura de linguagem, que muitas vêzes já se assinalou em José Bonifácio, aqui encontra flagrante exemplo, na referência aos seus patrióticos como “botcudos e árabes do mato”. Teria sido interessante uma explicação sua, quanto à semelhança sarracena.
- (119). — Quando de volta de Portugal, em 1819, passou pelo Rio de Janeiro.

*

O Andrada, “Lavrador de quatro costados”.

“Como, apesar do meu retiro e nulidade, não posso tirar da cabeça que V. Exa. ainda é meu Amigo, como d’antes, tenho gôsto de comunicar-lhe que já estou feito Lavrador de quatro costados; que cultivo, **ut prisca gens mortalium**, com as próprias mãos, a minha horta. Nas terras que comprei no têrmo de Parnaíba, já tenho 107 reses de criação, além de terras auríferas, em que por ora não posso cuidar, por falta de gente e cabedais; e, a pouco mais de um quarto de légua desta Vila, obtive da Câmara, por carta de data, 300 braças de terra de testada e 500 de fundo, para uma chácara e casas de residência, livraria e museu, em que trabalho de dia e de noite (120); e tudo isto com gente livre e alugada, sem precisar de escravatura, que detesto, e querendo dar a esta gente exemplo do que devem fazer, para se pouparem, para o futuro, às grandes infelicidades que ameaçam aos vindouros no Brasil (121). Se V. Exa. me puder enviar sementes da Europa e plantas das drogas asiáticas da Lagoa de Freitas (122), me fará grande mercê; pois creio que êste país é muito próprio para tôdas elas.

“Não informei ainda o requerimento do Inspetor, que foi da mina de ouro da Adiça (123), porque já está morto, com muito sentimento meu, pois era muito honrado, ativo e inteligente, e muito preciso me era aqui, para o pôr à testa das lavras de ouro, que possuo, e de outras mais, que pertendo (sic) comprar, e que tôdas estão à disposição de V. Exa.; agora remeto êstes papéis da pobre Viúva, cujo desamparo espero haja de merecer algum sinal de piedade de Sua Majestade; envio também essa carta do Professor de Filosofia do Pôrto e atual Tesoureiro das minas de carvão, para que V. Exa. se digne ler; pois, pelo menos, é bem escrita (124).

“Creio que os Governadores de Portugal já lhe terão remetido as contas e ofícios que sôbre o estado do Mondego lhes dirigiram o Sr. João da Cunha Neves, e o meu

(120). — Trata-se do sítio dos Oiteirinhos, em Santos.

(121). — Muito importante para as futuras posições políticas de José Bonifácio, contra a continuidade do tráfico de africanos e da própria escravidão de negros no Brasil, é esta sua declaração, de completo repúdio à instituição servil.

(122). — Para a Real Quinta e Jardim da Lagoa de Freitas (sic) haviam sido remetidas, desde 1809, as sementes e mudas de plantas asiáticas trazidas da ilha de França (hoje Maurícia), por refugiados portugueses. (Cf. Padre Luís Gonçalves dos Santos — *Memórias para Servir à História do Reino do Brasil*, 2a. ed., Rio de Janeiro, 1943, vol. I, págs. 300-302).

(123). — Em Portugal.

(124). — De José Francisco Gonçalves, do Pôrto, 30 de abril de 1820, carta anexa à de José Bonifácio.

ajudante, o Dr. Agostinho José Pinto. Tudo ia às mil maravilhas; e eu me desvaneco que meu nome não será de todo esquecido em Portugal; pois deixei lá como padrões o que fiz e deixei determinado para o Mondego (125) e os novos Estabelecimentos metalúrgicos, que Deus queira fadá-los bem.

“Aceite V. Exa. mil recomendações de minha mulher e da sua afilhada, que tem andado adoentada; e creia que continuo a ser, com tôdas as veras e veneração,

“De V. Exa.

“Venerador amigo e criado muito obrigado

“José Bonifácio de Andrada e Silva.

“Santos, 28 de agôsto de 1820” (126).

HÉLIO VIANNA (*).

Professor catedrático de História do Brasil da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil.

(125). — Durante vários anos foi José Bonifácio encarregado das obras do rio Mondego, em Coimbra.

(126). — Original no Arquivo Histórico do Itamarati, do Ministério das Relações Exteriores, lata 120, maço 5. No Catálogo da Parte III — 30 — Documentos anteriores a 1822 (Rio de Janeiro, 1957), pág. 55. Como de costume, desdobramos, na transcrição desta carta, as respectivas abreviaturas, além de modernizar sua ortografia e pontuação.

(*) — Tôda a “Correspondência de José Bonifácio” aqui transcrita e comentada foi primeiramente publicada em sete Folhetins do Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, embora com anotações muitas vêzes mais sucintas que as aqui apresentadas. Tiveram os seguintes títulos e datas de publicação: “O Brasil de 1810 em carta do Conde de Linhares a José Bonifácio” (16 de agôsto de 1863); “José Bonifácio e os Condes de Linhares e Funchal” (23 de agôsto); “Sugestões de José Bonifácio ao provável Ministro Conde de Funchal” (30 de agôsto); “José Bonifácio, candidato ao govêrno de Santa Catarina e a diplomata” (6 de setembro); “José Bonifácio, Conselheiro de D. João VI” (13 de setembro); “José Bonifácio, a Universidade e o Govêrno de São Paulo” (20 de setembro); “José Bonifácio, sitiante em Santos” (27 de setembro de 1863).